

E QUANDO A FICÇÃO SE TORNA REALIDADE?
ENSAIO SOBRE A FINITUDE NO CONTO
“A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA”



E SUA RELAÇÃO COM A
PANDEMIIA DE COVID-19 NO BRASIL.

ALVARO DANIEL COSTA

E QUANDO A FICÇÃO SE TORNA REALIDADE?

ENSAIO SOBRE A FINITUDE NO CONTO

"A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA"

E SUA RELAÇÃO COM A
PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL.

E QUANDO A FICÇÃO SE TORNA REALIDADE?

ENSAIO SOBRE A FINITUDE NO CONTO

"A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA"



E SUA RELAÇÃO COM A
PANDEMIIA DE COVID-19 NO BRASIL.

ALVARO DANIEL COSTA

2023©Alvaro Daniel Costa

Todos os direitos reservados ao autor

DIRETORA E EDITORA-CHEFE: Roseníia Hauer

CAPA E ARTE FINAL DE CAPA: Erickson Cruz

DIAGRAMAÇÃO: Equipe Texto e Contexto

C837 Costa, Alvaro Daniel
E quando a ficção se torne realidade? Ensaio sobre a finitude do conto A máscara da morte vermelha e sua relação com a pandemia de Covid 19 no Brasil.[livro eletrônico] / Alvaro Daniel Costa. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2024.
66p., il. PDF interativo
ISBN: 978-65-6080-012-0
1. Literatura brasileira - conto. 2.Covid-19. I. T.
CDD: B869.3

Ficha Catalográfica Elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos – CRB9/986

TEXTO E CONTEXTO PRODUÇÕES

www.textoecontextoeditora.com.br

(42) 988834226

contato@textoecontextoeditora.com.br

Dedico o presente trabalho à minha mãe Rose, meu pai Gercy e minha irmã Denise, pelo apoio incondicional. Amo infinitamente vocês! Também agradeço ao meu nobre orientador Dr. Fábio Augusto Steyer e às minhas amigas Dayana, Gislaine, Ângela, Maria Luísa e Louize e Emanuelle. Meu muito obrigado, de coração!

A ALMA INQUIETA DO ALVARO

Certa vez alguém me disse que as almas inquietas é que movem o mundo. Concordo com essa afirmação. Pois caso contrário o mundo seria pura mediocridade, ficaria parado, estagnado e totalmente sem graça. O Alvaro é uma dessas almas inquietas que fazem o mundo ir para frente. Digo isso sem medo de exagerar na dose. Mesmo durante a pandemia de Covid-19 essa alma intrépida não conseguiu ficar trancada dentro de casa ou no interior da cabeça do Alvaro. Era uma necessidade vital, para esse ser em constante produção e transformação, criar algo novo. Enfim, o que dizer de alguém que já tem duas graduações nas costas e que agora, ao mesmo tempo em que faz Doutorado em História na Unioeste, cursa mais uma graduação presencial na UEPG?!?! Assim é o Alvaro. Dessa mente em constante explosão intelectual não se poderia esperar nada menos do que este excelente e criativo ensaio, originalmente seu trabalho de conclusão de curso em Letras/Português/Espanhol, na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Não, você não leu errado: foi um ensaio, sim, esse gênero que por si só exige um nível bastante grande de maturida-

de e sensibilidade para a escrita. Quando normalmente a maioria dos alunos faz artigos ou monografias, apoiados em notas de rodapé e dezenas de citações de autores, o Alvaro se aventurou a fazer um ensaio, esse gênero que exige que as opiniões não se sustentem nas ideias dos outros, mas nas próprias. Mas fez isso sem deixar de se aprofundar teoricamente, citando uma enorme gama de autores e conceitos que, a partir de sua própria visão, contribuem para construir seus argumentos. E vai aí uma longa lista de nomes, desde Walter Benjamin e Roger Chartier até Hannah Arendt, e conceitos importantíssimos para a sua abordagem, como necropolítica, reminiscência e banalidade do mal. O autor passeia por todos eles com desenvoltura, ligando uns aos outros com maestria, e eles ao seu objeto de estudo, sem deixar de utilizar dados empíricos das mais diversas fontes como apoio para sua argumentação.

Ao relacionar a obra literária de Edgar Allan Poe com a pandemia de Covid-19 e a realidade política do Brasil nos últimos anos, Alvaro conecta as personagens da ficção com as da realidade. Diga-se de passagem, da triste realidade que vivemos nos últimos anos no Brasil e no mundo.

Alvaro faz jus àquela velha história, que aplicada ao teatro pode também servir à literatura e às artes de um modo geral. É aquela ideia de que, na verdade, a ação que se vê na sala de teatro não está acontecendo no palco, mas, sim, na plateia. E assim a arte reproduz a realidade e a realidade reproduz a arte. Cada qual mais inacreditável do que a outra... Lembro de Aristóteles: a História representa o que aconteceu, e a Literatura aquilo que poderia ter acontecido. O Alvaro subverte essa máxima e mistura tudo. É uma “concorrência” desonesta, digamos assim. Embora desonestos mesmo sejam os protagonistas de cada discurso, o da realidade e o da literatura...

A grande sacada do autor foi perceber uma série de semelhanças entre a ficção escrita lá no século XIX com a realidade do século XXI. Aliás, não foram poucas vezes em que as pandemias foram retratadas na arte. E também não foi em escassas ocasiões que os extremistas e os governos autoritários e totalitários foram retratados nos diversos meios de expressão artística. Isso sempre aconteceu, desde a Antiguidade. É triste que hoje tenhamos que explicar o óbvio aos ignorantes. Nesse sentido, o Alvaro nos mostra o quanto tudo parece ter mudado tão pouco desde o princípio do mundo. A humanidade

continua exatamente igual, com suas mesmas paixões, problemas e dilemas. E em contextos difíceis seguem surgindo os “salvadores da pátria”, sejam eles de extrema direita ou de extrema esquerda.

E de alguma maneira é nesse contexto novamente sombrio que o Alvaro escreve o seu texto, extremamente irônico, ácido e pertinente. A alma inquieta do Álvaro está ao mesmo tempo no palco e na plateia, na ficção e na realidade. Está simultaneamente no doutorado e na graduação. E consegue através de um texto criativo fazer a ponte entre suas áreas de formação (Jornalismo, Letras e História), trazendo ao leitor algo novo e oportuno nesses tempos de pandemia, fake news e radicalismo político.

Parabéns ao Alvaro por esse texto, pela iniciativa de defendê-lo como TCC e mais ainda pelo impulso positivo de publicá-lo sob a forma de livro. Que sua alma siga viva, nobre e frenética, sempre em frente...

Fábio Augusto Steyer
*Doutor em Literatura. Professor na
Universidade Estadual de Ponta Grossa.*

UM PROJETO DE FINITUDE

Se “tudo no mundo começou com um sim”, conforme assinala Clarice Lispector no início de “A hora da estrela”, é possível dizer que, no caso de Alvaro Costa, o seu sim ganha o status de ousadia. O escritor abdicou da leitura estereotipada, abdicou de ficar na zona de conforto, escolheu para tema de “E quando a ficção se torna realidade? Ensaio sobre a finitude do conto *A máscara da morte vermelha* e sua relação com a pandemia de covid-19 no Brasil” um conto de Edgar Allan Poe, um autor muitíssimo analisado não só no Brasil; e ainda por cima opta por estudá-lo por um viés em que confronta discursos separados por quase dois séculos, em línguas diferentes, cotejando a realidade dramática com uma obra de arte, no caso, literária.

Curto e macabro, *A Máscara da Morte vermelha/rubra ou escarlate*, publicado pela primeira vez em 1842, pode ser considerado como um dos melhores contos de horror de Edgar Allan Poe, e foi, possivelmente, inspirado em um terrível surto de cólera que atacara a Europa, mais especialmente a França, na primeira metade do século XIX.

Pandemia. Eis o status do monstro que ainda aterroriza o mundo hoje. Seu nome: Coronavírus, ou COVID-19, como se diz no jargão científico. Alvaro expõe o seu pensamento sobre os nossos dias de incerteza e medo, ao analisar uma realidade social, histórica e política tendo como pano de fundo uma obra literária, o conto “The Masque of the Red Death” do escritor e crítico literário norte-americano Edgar Allan Poe (1809- 1849).

Compreendendo as evidentes relações entre os estudos culturais e os literários, busca demonstrar na obra de Poe como tais estudos apareceram para desestabilizar o cânone e aproximar as massas da realidade e de certa forma ajudá-las a se resguardar da desinformação e das suscetibilidades que grassam a vida atual no planeta.

Alguns pressupostos teóricos embasam a sua crítica no ensaio: os conceitos de necropolítica de Achille Mbembe, visões sobre a banalidade do mal de Hannah Arendt, as inferências sobre reminiscência de Walter Benjamin, a ordem das coisas pela análise de discurso de Roger Chartier, a reflexão sobre a morte de Schopenhauer, as estruturas narrativas de Todorov, os aspectos simbólicos por Chevalier e Gheerbrant, entre outros... o que não surpreende, conhecendo a

sua trajetória (graduado em Jornalismo, História, doutorando em História e agora Licenciando em Letras Português-Espanhol)

Relendo-o agora, e em tempos de pós-pandemia, a história pareceu-me extremamente atual, inclusive porque revela a que ponto podem chegar a loucura e os desvarios do homem, diante de uma ameaça mortal da natureza.

O conto lembra, também, a irresponsabilidade que hoje se vê em alguns líderes mundiais, que se notabilizaram (e ainda se notabilizam) pelo desprezo à vida, pelo negacionismo ignorante, pela necropolítica e pela barbárie, ou “banalidade do mal”!

“A máscara da morte rubra” (1842) é uma história aterradora sobre um vírus que assola um país inteiro. A população já havia sido reduzida à metade. Ironicamente, o príncipe daquele reino arrasado se chama Próspero, e este resolve isolar-se do resto da população contaminada. Pensando nisso, ele chama “mil amigos saudáveis e festivos” para se esconderem numa “abadia acastelada” – são os cúmplices dos desejos de felicidade privada do príncipe e de seus pares. O príncipe e os seus cortesãos “acreditavam ser possível desafiar o contágio” (quem sabe em razão de seu histórico de atleta...), afinal, “o mundo exterior

que cuidasse de si mesmo, e era tolice, enquanto isso, lamentar os mortos ou até mesmo pensar neles.” (Afinal, ele não era coveiro e todos iriam, finalmente, morrer um dia!).

O conto tristemente é uma metáfora perfeita para a situação do Brasil em relação à pandemia de COVID-19, com um presidente que esconde em sua postura irresponsável e infantil um projeto de sociedade e uma lógica nefasta de direito à vida e à saúde.

Em toda a narrativa do conto há uma presença constante: o tempo. Desde o início, pela rapidez do avanço da doença, até as constantes e assustadoras batidas do relógio de parede, cujo som é tão forte que obriga a orquestra a silenciar e deixa a todos assustados e perplexos, o tempo marca a narrativa, que vem num crescendo de tensão. Por esse motivo, muitos acabam interpretando o conto como uma grande alegoria da morte, da finitude humana. A praga se espalhando pelo país, os moribundos todos. Enquanto isso, no castelo, os ecos das batidas do relógio impõem silêncio, interrompem a festa, fazem pensar.

Creio que essa é também uma história sobre o poder e como o Príncipe foge das urgências do dia e do povo (a peste) em busca da segurança do isolamento da corte e seu mundo imaginário. É assustadora a

falta de solidariedade e responsabilidade para com os que ficaram do lado de fora da abadia, os que foram condenados à morte pela peste. Ou seja, no final esse é um conto sobre o poder e a omissão de cuidado para com o povo que sofre. É o poder sem amor, sem um mínimo de empatia pelos pobres e adoentados. O poder e o desejo delirante de permanência a qualquer preço, de festa do sem-fim, de celebração desesperada da vida que se agarra a um fiapo de ilusão, uma chama flamejante de prazer alienado e alucinado. É a grande festa da elite da corte, que quer se salvar sozinha e deixar que a população se vire com o vírus, com a doença, com a morte.

A vida não é uma festa à fantasia, a vida é para valer. Quem não leva isso a sério se dá mal na história. Quem evita o caminho da responsabilidade pelo outro, a vida da solidariedade, e cria para si um mundo imaginário acaba tendo de encarar um acerto de contas final consigo mesmo e com a história.

Quando surge um fato novo ou um acontecimento de proporções mundiais como catástrofes naturais, terremotos, furacões, erupções vulcânicas, desastres ambientais ou surtos pandêmicos, a Arte – neste caso a literatura – usando das prerrogativas que lhes são conferidas pela sua função de espelho

da sociedade, mimetiza esses fenômenos da natureza ou acontecimentos históricos transformando-os em ficção.

Para arrematar todas estas considerações acerca do conto e sua relação dialógica com o fato real da pandemia destaco uma frase de Poe, no conto “O demônio da perversidade”: “A perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano”.

Em sua busca obstinada, Alvaro não me surpreendeu, você encontrou as pistas e muitas e acertadas para o percurso dessa discussão absolutamente contemporânea sobre os deslizamentos de fronteiras, tão pertinente quando o assunto é discurso.

Por fim, resta-me parabenizar o notável escritor pela correção e seriedade do seu trabalho, por sua organização, por sua ousadia, por sua rebeldia, por suas inquietações e por suas “reminiscências”. Uma produtiva leitura a todos.

Luísa Cristina dos Santos Fontes
Doutora em Literatura Brasileira (UFSC)

A MORTE ESTÁ AO LADO

Quanto vale uma vida? Me fiz essa pergunta no começo da pandemia de Covid-19 quando surgiram as primeiras mortes no Brasil. Foi um mês de março estranho porque havia um clima de preocupação, medo e angústia diante da finitude iminente que estava, literalmente, ao nosso lado. Nos noticiários se via a inquietude dos países em isolar a população infectada e não infectada, fechar as fronteiras e, rapidamente, procurar uma cura para o vírus mortal. No Brasil, entretanto, a preocupação das autoridades governamentais não foi exatamente com a vida, mas com o capital, pois nada poderia fechar para não parar a economia. O dinheiro precisava circular e a roda econômica deveria estar acima dos interesses da saúde humana.

A demora em tomar medidas mais efetivas fez com que a doença logo se espalhasse em território nacional. Os hospitais foram enchendo, as mortes se multiplicando e o então presidente, Jair Messias Bolsonaro, dando múltiplas declarações fazendo pouco caso do vírus.

Segundo Silva Júnior e Fargoni,¹

Bolsonaro é uma antiga personalidade no cenário político brasileiro, trabalha na política desde 1989, tendo como primeiro cargo o de vereador no Rio de Janeiro. Migrou para Brasília em 1991 como deputado federal e permaneceu sendo eleito no mesmo cargo até 2014. Tornou-se “celebridade” e adquiriu notoriedade na TV durante os governos Dilma e Temer, aparecendo com frequência em programas de entretenimento. Ex-militar e de postura rígida, seus discursos foram objetos de audiência por muitos canais, que foram bens instrumentados por sua equipe de campanha como meio constante de propaganda eleitoral. Foi na socialização de suas aparições na TV e de recortes de vídeos das suas falas, que nas redes sociais Bolsonaro conquistou fama. A narrativa bolsonarista ganhou forma e com o amplo quadro de analfabetismo funcional no Brasil o Bolso-

1 SILVA JÚNIOR, João dos Reis; FARGONI, Everton Henrique Eleutério. Bolsonarismo: a necropolítica brasileira como pacto entre fascistas e neoliberais. *Revista Eletrônica de Educação*, [s. l.], v. 14, p. e4533133, jan./dez. 2020. DOI: 10.14244/198271994533. Disponível em: <https://www.reveduc.ufsca-r.br/index.php/reveduc/article/view/4533>. Acesso em: 27 abr. 2023.

narismo foi introduzido na sociedade brasileira sem alardes e na adesão da linguagem populista conservadora, que, retomou flerte direto com discursos característicos do fascismo universal.

No dia 9 de março de 2020, Bolsonaro afirmou que o poder destruidor do vírus era superdimensionado e que, talvez, estava sendo potencializado devido a questões econômicas.² Logo depois da primeira morte, no dia 20 de março, o abjeto presidente disse que o vírus se tratava de uma “gripezinha” que não o derrubaria, já que teria levado uma “suposta” facada no ano de 2018.³

E assim começaram uma série de frases polêmicas que abordarei nesse ensaio, correlacionando e problematizando com uma leitura que tive, justamente, no auge da pandemia, que se chama “A máscara da morte vermelha”, de Edgar Allan Poe. Assim que

2 RELEMBRE o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. **Folha S. Paulo**, São Paulo; Brasília, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em: 22 abr. 2023.

3 *Ibid.*

tomei contato com esse conto entrei num choque tão grande que parecia estar lendo a situação do Brasil atual. A maestria de Poe ao narrar a história de um príncipe que ignora uma peste me fez refletir sobre a atualidade do conto que, mesmo escrito no século XIX, parecia ser uma leitura do Brasil contemporâneo. Não tive dúvidas de que queria escrever um ensaio relacionando o texto magistral de Poe com a pandemia de Covid-19 no Brasil. Apesar de eleger apenas um líder para exemplo, não faltam outros casos, como, por exemplo, o primeiro-ministro da Inglaterra, Boris Johnson, que também participou de festas durante o auge da pandemia na Inglaterra.⁴ E foram tantos outros.

Não só na literatura, mas na arte em geral, a pandemia e as pestes sempre estiveram em evidência, pois a visão crítica de determinados artistas despertou inúmeras reflexões sobre os mais diversos temas. Segundo Queiroz (2020, p. 43), “escritores e artistas

4 RELATÓRIO condena festas de Boris Johnson durante a pandemia. **G1**, Rio de Janeiro, 25 maio 2022. Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/25/relatorio-condena-festas-de-boris-johnson-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2023.

utilizam a figura da peste para elaborar acontecimentos trágicos e propor reflexões a condição humana”.⁵

As doenças epidêmicas são analisadas pelas sociedades humanas desde remotos tempos. Tanto Édipo Rei quanto Ilíada trazem alegoria da peste para ensinar algo. Segundo Moisés, compreende-se por alegoria o discurso acerca de uma coisa para compreender outra”.⁶ Lausberg aponta que também “constitui, por conseguinte, uma ‘espécie de discurso inicialmente apresentado como um sentido próprio e que apenas serve de comparação para tornar inteligível um outro sentido que não é expresso”.⁷ Segundo Ferreira, “a peste era um castigo de Apolo, filha de um sacerdote desse deus, fora tomada como cativa de guerra por Agamêmnon”.⁸ Já na peça “Édipo rei”, o sacerdote

5 QUEIROZ, Christina. Pandemia como alegoria. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, a. 21, n. 294, ago. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/folheic-a-edicao-de-agosto-de-2020/>. Acesso em: 23 abr. 2023. p. 43.

6 MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2013. p. 14.

7 LAUSBERG *apud* MOISÉS, 2013. p. 14.

8 FERREIRA, Márcio Mauá Chaves. A peste em Tucídides e dois antecedentes poéticos. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 9 jun. 2020. Estado da Arte. Disponível em: <https://estadodaarte.estado.com.-br/peste-tucidides-antecedentes-marcio-maua/>. Aces-

fala ao protagonista sobre o sofrimento da população com a peste: “Porque a cidade como tu mesmo vês, sacudida numa tormenta já longa, já não tem forças para, das profundezas das ondas assassinas, erguer a cabeça para a tona”. Ricieri destaca que “*Édipo rei* mostra a figura da peste como o principal sintoma de que há um desarranjo naquela sociedade”.⁹

Para além da literatura cito, como exemplos, as pinturas “O triunfo da morte” (1562), de Pieter Bruegel; “A praga (1898), pintada por Arnold Böcklin; “Autorretrato Após a Gripe Espanhola (1919)”, de autoria de Edvard Munch; “Cidadãos de Tournai Enterrando os Mortos Durante a Peste Negra” (1347), de Pierart dou Tiel; “A Família” (1918) pintada por Egon Schiele; dentre outras. Essas obras ajudam a perceber a maneira que uma sociedade é impactada por desastres na saúde pública.

A escolha pelo formato ensaio se deve pelo fato de mesclar a forma objetiva acadêmica com a subjetividade crítica e poética. Lukács afirma que “na ciência, são os conteúdos que atuam sobre nós; na arte, as formas; a ciência nos oferece fatos e suas co-

so em: 23 abr. 2023.

9 RICIERI *apud* QUEIROZ, 2020. p. 43.

nexões, a arte, almas e destinos”.¹⁰ Pretende-se oferecer aqui uma crítica que desperte uma reflexão sensível do que foi a postura de um líder de estado que tanto menosprezou a vida. Concordo quando Lukács afirma que “para o ensaio, a arte (e a vida) servem de modelo” e que “cria a partir de si mesmo todos os pressupostos para o efeito de persuasão e validade das coisas”.¹¹ Lukács cita Platão como um dos maiores ensaístas, justamente porque “suas perguntas já feitas, vinculam-se à vida vivente”.¹²

Adorno, em sua criatividade filosófica, aponta que “o ensaio, porém, não quer procurar o eterno no transitório, nem destilá-lo a partir deste, mas eternizar o transitório”.¹³ É justamente o sentido de eternizar o transitório e para que não esqueçamos a barbárie do último governo brasileiro que proponho uma reflexão em torno da relação do conto “A máscara da morte vermelha” com o contexto da pandemia no Brasil. A

10 LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas**. Tradução de Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Filó). p. 33.

11 *Ibid.*, p. 43-44.

12 LUKÁCS, 2017. p. 47.

13 ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades. p. 27.

indagação que faço é: Que relações podemos estabelecer sobre a finitude no conto “A máscara da morte vermelha», de Edgar Allan Poe, e a pandemia da covid-19 no Brasil? Feito esse questionamento, cabe dizer que a pandemia levou os brasileiros conscientes a inúmeras reflexões e ensinamentos, pois tivemos que lidar com uma tragédia que poderia ter sido evitada se houvesse valorização à vida.

O ensaio ainda conta com o auxílio da análise de discurso porque acredito que de acordo com Chartier “toda prática, seja qual for, se situa na ordem do discurso”.¹⁴ Parto também do conceito de *símile*. Penso que essa definição irá facilitar a comparação entre uma ficção e uma realidade. As analogias foram feitas pela confrontação dois personagens e duas realidades distintas em contextos diferentes. Segundo Moisés, *símile* “é uma figura do pensamento, até certo ponto sinônimo de comparação”; também se distingue da comparação “na medida que se caracteriza pelo confronto de dois seres ou coisas de natureza diferente, a fim de ressaltar um deles”.¹⁵ Moisés ainda completa dizendo que o *símile* pode atingir “graus elevados de

14 CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 48.

15 MOISÉS, 2013. p. 441.

abstração”.¹⁶ Nesse ensaio vamos verificar o que tem de símile entre o príncipe e o ex-presidente Bolsonaro.

Schopenhauer assinala que “o conhecimento da morte e, além dele, a observação do sofrimento e da miséria da vida que conferem o estímulo mais forte para a reflexão filosófica e para as interpretações metafísicas do mundo”¹⁷ (para maior aprofundamento sobre a temática morte, vide Costa e Chaves)¹⁸. Por essa razão, o desprezo pela existência e a valorização de uma política da morte faz disso um tema necessário para que se evite assombros como, por exemplo, a escolha de um presidente equivocado. Problemático nesse ensaio as frases sobre a pandemia proferidas pelo ex-presidente Bolsonaro, trechos do conto, bem como o conceito de necropolítica, maldade e banalidade do mal.

16 MOISÉS, *loc. cit.*

17 SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a morte**: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas. Tradução de Daniel Saquarema F. Soares. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 40.

18 COSTA, Alvaro Daniel; CHAVES; Niltonci Batista. As marcas da violência a partir da representação da morte na coluna Zona Franca: o esrachamento da finitude no jornalismo sensacional (Diário dos Campos 1976-1978). **Ateliê de História**, Ponta Grossa, v. 4, p. 131-171, 2016.

UMA BREVE ANÁLISE INTRÍNSECA

Antes de começar uma análise mais profunda do conto com a realidade brasileira na pandemia, começo por um breve mapeamento estrutural desse conto do Poe para conhecer melhor a narrativa de que estamos tratando. Primeiramente, pode-se dizer que “a máscara da morte vermelha” possui um narrador heterodiegético, pois conta uma história do ponto de vista do autor (3ª pessoa).

A história contabiliza apenas dois personagens principais: o príncipe e a morte. Segundo a classificação de Junior (2009, p.39), podemos enquadrar o príncipe como personagem tipo, uma vez que “tipo aquela cuja identificação se dá, normalmente, por meio de categoria social”.¹⁹ Já a morte podemos qualificar como uma personagem estereótipo que, de seria aquela, “é aquela cuja identificação se dá por meio da acumulação excessiva de signos que caracterizam determinada categoria social”.²⁰ Um exemplo da per-

19 JUNIOR, Arnaldo Franco. Operadores de leitura narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

20 JUNIOR, *loc. cit.*

sonagem estereótipo é identificável na descrição da morte pelo autor que narra detalhe a detalhe: “a máscara que lhe ocultava o rosto imitava com tanta perfeição a rigidez do semblante de um cadáver, que até mesmo o melhor dos exames teria tido dificuldade em perceber o engano”.²¹

Deve-se também dizer que ambos os personagens se classificam como tipo plano porque possuem baixo grau de densidade psicológica, pois não há nenhum aprofundamento das características psicológicas e muito menos algo de muito surpreendente por parte deles. A chegada da morte não é tão surpreendente, pois quem criou uma antipatia pelo protagonista já poderia imaginar que algo acontecesse com ele. Mesmo que o monarca seja desprezível e mesquinho, ele não sai do linear e em nenhum momento nos surpreende no seu único diálogo.

No que tange ao foco narrativo, pode-se classificar como onisciente neutro devido ao uso da 3ª pessoa. Na visão de Junior (2009), embora esse foco narrativo seja em 3ª pessoa, não é “incomum que use

21 POE, Edgar Allan. A máscara da morte vermelha. In: POE, Edgar Allan. **O escaravelho de ouro e outras histórias**. Tradução de Marta Fagundes Fátima Pinho. São Paulo: Pandorga, 2018. p. 89-99. p. 96.

a cena para inserção de diálogos e para a dinamização da ação e, conseqüentemente, do conflito dramático”.²² Os autores ainda explicam que “reserva-se, normalmente, o direito à caracterização das personagens, descrevendo-as e explicando-as para o leitor”. O conto segue uma linha cronológica dos fatos exatamente porque passam dias e meses até a entrada da morte no palácio sendo, literalmente, um tempo objetivo.

O conto ainda pode ser pensado como pertencente ao fantástico maravilhoso pois, segundo Todorov, está “na classe de narrativas que se apresentam como fantásticas e que terminam no sobrenatural”.²³ Todorov ainda explica que “são essas as narrativas mais próximas do fantástico puro, pois este, pelo próprio fato de não ter sido explicado, racionalizado, nos sugere a existência do sobrenatural”.²⁴ Por fim, Todorov pondera que “o limite entre os dois será, portanto, incerto; entretanto, a presença ou a ausência de certos pormenores nos permitirá sempre decidir”,²⁵ sendo o

22 JUNIOR, 2009. p. 43.

23 TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 159.

24 TODOROV, *loc. cit.*

25 TODOROV, 2006. p. 159.

pormenor, neste caso, a morte, pois eles veem a morte, o que leva a acreditar no sobrenatural.

A simbologia do sobrenatural não para por aí quando pensamos no símbolo da máscara (que dá título ao conto). Segundo Chevalier e Gheerbrant, “o símbolo da máscara se presta a cenas dramáticas em contos, peças, filmes”.²⁶ Chevalier e Gheerbrant²⁷ ainda citam o efeito catártico das máscaras na exteriorização de tendências demoníacas no teatro de Bali. No caso do conto de Poe ela opera com uma função catártica, já que todos morrem no final e de certa forma o leitor sente-se vingado, justamente por não ter empatia com o mesquinho príncipe e todos que estão na festa.

A morte também é outro elemento carregado de muita força simbólica, já que ela demarca o derradeiro fim. Chevalier e Gheerbrant descrevem esse símbolo como “o fim de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade (..)” e que ela é “liberadora das penas e preocupações,

26 CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. p. 669.

27 *Ibid.*, p. 667.

ela não é um fim em si; ela abre o acesso ao reino do espírito”.²⁸ Exatamente nesse aspecto que merece atenção no conto “A máscara da morte vermelha”, já que o derradeiro fim é uma forma de punição severa para o príncipe. Dessa maneira, pode-se afirmar que a finitude atua como final destrutivo porque todos os presentes morrem iguais ao resto da população abandonada: com muito sangue saindo pelos poros, como prova a narrativa no trecho: “um a um, os cortesãos tombaram nas paredes borrifadas de sangue dos salões da folia, e morreram, cada um com o mesmo semblante de desespero com que haviam tombado”.²⁹

Outro ponto de discussão é a partir da simbologia do príncipe através não de um lado positivo, mas negativo. Diz Chevalier e Gheerbrant que o “símbolo tem também seu lado obscuro: Lúcifer é o príncipe das trevas”.³⁰ Além disso os autores Chevalier e Gheerbrant ainda reafirmam o fato de Lúcifer ser a “corrupção do melhor, que se transforma no pior”,³¹ isto é, uma inversão do bem, da luz e da vida.

28 CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022. p. 694.

29 POE, 2018. p. 98.

30 CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022. p. 821.

31 CHEVALIER; GHEERBRANT, *loc. cit.*

Por fim, necessita-se falar sobre as diferenças entre o príncipe do conto e do ex-presidente Bolsonaro. No primeiro caso, existe um final fechado que se caracteriza por questões resolvidas sem nós soltos na narrativa (morte do príncipe e dos convidados). Já o caso de Bolsonaro é um típico final aberto, uma vez que ele não morreu.

“A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA”:
UMA OBRA-PRIMA QUE MUITO TEM A NOS DIZER

Edgar Allan Poe escreveu esse pequeno conto em 1842. Passados 178 anos, suas discussões e reflexões não se esgotaram. “A máscara da morte vermelha” traz uma grande lição sobre a prepotência, mesquinhez e maldade humana. Na obra, o protagonista sintetiza o que tudo o que é maldoso, pois faz um baile de máscaras no auge de uma peste que assolava o seu reino.

O fim trágico da população foi sintetizado na parte final do título do conto, que é “morte vermelha”, pois o sangue era a maior marca da peste, já que depois das dores, tonturas e manchas, os sujeitos sangravam pelos poros sem parar. Pode-se afirmar que não havia nenhum tipo de solidariedade do monarca que, mesmo tendo perdido metade dos seus súditos, nada fez.

Um belo dia o príncipe, descrito como próspero, destemido e sagaz, convidou mais de mil amigos para um pomposo baile de máscaras. Um grande esquema de segurança foi feito para que nenhuma forma de ingresso fosse permitida por quem não fosse chamado. Ele proporcionou tudo de bom e de

melhor aos seus convidados, para que não houvesse nenhum tipo de preocupação e, enquanto isso, a peste se alastrava e devastava ainda mais o seu reino. Contudo, sorrateiramente, a morte conseguiu entrar na sua festa privada.

A morte mascarada tinha uma feição tão igual da peste que causou um grande choque nos convidados, afinal de contas, quem se atreveria se fantasiar de morte vermelha com tamanha audácia e perfeição? Assim que percebeu a presença da intrusa o príncipe arrogante exclamou: Quem se atreve?³² Porém, esse atrevimento teve um preço, pois a ilustríssima “penetra” foi buscá-lo à força, assim como todos os seus convidados que, imediatamente, caíram ensanguentados, tingindo toda a parede do palácio de vermelho.

O final apoteótico e catártico de Poe leva à seguinte reflexão: nada resiste diante da finitude. Nenhum desafio ou prepotência é capaz de freá-la. A genialidade reside em representar o príncipe como um mal tão nocivo quanto a própria morte, já que ignorar a população no momento que mais se precisa é um ato inumano. Santo Agostinho no seu estudo sobre o mal reflete que essa categoria é ausência do bem e que

32 POE, 2018.

o ser humano escolhe qual caminho trilhar, ou seja, tem o livre arbítrio para agir dentro dos limites éticos ou não.³³

Marcondes pondera que para Santo Agostinho o mal “é falha, queda, desvio, corrupção”.³⁴ Todos esses adjetivos apresentados por Agostinho parecem cair bem tanto ao príncipe quanto ao ex-presidente Bolsonaro que, claramente, optou pelo mal, pela não ética, não transparência e, principalmente, quando escolheu dar as costas para a população enquanto milhares de pessoas morriam todos os dias. Assim como o príncipe, o ex-presidente brasileiro fazia festa enquanto muitos agonizavam em um leito de hospital.³⁵

33 AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural. 2004. (Coleção Os Pensadores).

34 MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de Ética**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 55.

35 BONIN, Robson. Bolsonaro faz festa enquanto caos da pandemia avança nos hospitais. **Veja**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonaro-vai-a-festa-enquanto-despreza-caos-da-pandemia-nos-hospitais/>. Acesso em: 6 nov. 2022.

A INTERSECÇÃO ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE

Um ponto relevante e essencial nesta discussão é a inter-relação entre literatura e sociedade, pois a ficção tem uma função social de reflexão no que tange o mundo ao nosso redor. Segundo Santos “a literatura só existe nesse intercâmbio social”.³⁶ Santos aponta que a literatura enquanto manifestação artística “é constituída pela prática social e não de ideias autônomas e isoladas da esfera social que são desenvolvidas pelos sujeitos”.³⁷ É inegável que a literatura reflete muito do que a sociedade é e faz, assim como o autor das obras.

Podemos dizer que muitas vezes um autor se apropria de uma reminiscência (Walter Benjamin) que relampeja tanto em um texto literário quanto em um histórico. Trago aqui a terceira lição sobre o conceito de história de Benjamin, pois nos ajuda a pensar nos falsos Messias que aparecem de tempos

36 SANTOS, Dennis de Oliveira. Sociologia da Literatura. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 14, dez. 2007/mar. 2008. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/014/14santos_dennis.htm. Acesso em: 9 maio. 2023. p. 1.

37 *Ibid.*

em tempos, mas que na verdade figuram como inimigos. Diz Benjamin que articular “historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato foi’ significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo” e que “em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem como o vencedor do Anticristo”.³⁸ Apesar de Benjamin citar o privilégio da História em apontar que os mortos não estão em segurança se o inimigo ganhar, acrescento que a literatura também pode ajudar a acender essa luz de emergência para as ameaças, pois como diz Benjamin “o inimigo não tem cessado de vencer”.³⁹ O desprezo pelas milhares de mortes bem como o desafiar a finitude transformaram a ficção de Poe em realidade *à la* brasileira.

Infelizmente, na realidade do Brasil o inimigo ganhou parte do jogo, pois, cruelmente, ocorreram inúmeras mortes. Essa luz de emergência foi acesa na eleição presidencial de 2018, mas muito preferiam não

38 BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 42.

39 *Ibid.*, p. 242.

olhar. Outros por ignorância preferiram acreditar no falso Messias que usou, inclusive, a religião como uma ferramenta puramente eleitoreira. Existe ainda a camada da população que agiu na maldade, mesmo sabendo de todos os riscos de uma figura ignóbil como de Bolsonaro.

PRÍNCIPE E BOLSONARO:
DUAS FACES DA NECROPOLÍTICA
E DA BANALIDADE DO MAL

Utilizo as teorias da necropolítica e da banalidade do mal localizadas no tempo presente, justamente por pensar a literatura como uma possível fonte de alusão metafórica de temas sensíveis a contemporaneidade. Começo aqui uma severa crítica a esses dois personagens por acreditar que ambos são grandes representantes do que Achille Mbembe denomina de necropolítica. Mesmo que um seja ficcional e o outro real é inegável à similaridade. Tanto um quanto o outro ditam quem merece viver ou morrer. O príncipe da narrativa de Poe isola seu riquíssimo palácio e deixa a população morrer enquanto festeja, enquanto quase o mesmo acontece com o ex-presidente brasileiro que foi para uma festa no Rio Grande do Sul (no auge da pandemia). Tão grave quanto esse episódio foi frase proferida pelo ex-chefe do executivo que desejava que o Brasil criasse uma “imunidade de rebanho”, comparando a população em geral com bois e vacas.

Tanto na ficção de Poe quanto na realidade brasileira existe uma política de extermínio pensada e executada por esses “representantes” do povo. Ao

deixar de lado toda uma população, ambos executam uma política da morte. A sutil diferença de um com o outro é o fato que um se isola e o outro sai e rodar o Brasil todo sem máscara e protela ao máximo a campanha vacinal. Segundo Otávio Mendes, do portal G1, dados da CPI da Covid apontam que foram recusadas 11 vezes a vacina,⁴⁰ além disso, uma fala do ex-presidente Bolsonaro afirmava que quem tomasse a vacina poderia virar jacaré.⁴¹

Como se não bastasse essas frases surgiram outras quando o ex-presidente disse que o Brasil era um país de maricas e que a geração de hoje era “Nutella”. Nesse momento, o país atravessava mais de 184 mil mortes por pura má vontade governista que protelava a vacinação. Diz Mbembe “que o sujeito é o principal

40 GUEDES, Octávio. CPI da Covid: Governo Bolsonaro recusou 11 vezes ofertas para compras de vacina. **Blog do Octávio Guedes**, [s. l.], 27 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2023.

41 QUEIROZ, Vitória. 2 anos de covid: relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. **Poder 360**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>. Acesso em: 5 nov. 2022.

autor controlador do seu significado”,⁴² isto é, cada um é responsável por aquilo que constrói a respeito de si mesmo e, no caso de Bolsonaro, foi de ser o maior representante de uma política de extermínio, pois ignorar, neste caso, também é agir indiretamente para que mais e mais pessoas falecessem de algo que teria sido evitado com a vacina. A omissão foi um claro retrato de um governo que deixou o caos se instalar.

Todo esse aparato conceitual está atrelado ao que Mbembe (inspirado por Foucault) chama de biopoder. O biopoder atua diretamente em questões como o direito de matar. Segundo Mbembe, “na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão de pessoas que devem viver e as que devem morrer”.⁴³ Pode-se então afirmar que o poder atua diretamente em relação ao corpo biológico, já que escolhe quem fica e quem vive. Não faltam exemplos de coisas nesse aspecto ao longo da história como, por exemplo, as mortes de indígenas e africanos no processo colonizador. Não precisa ir muito longe quando olhamos diversas operações policiais

42 MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Libby Meintjes. São Paulo: n-1 edições, 2022. p. 8.

43 *Ibid.*, p. 17.

em que resultam na morte de pessoas pretas ou de travestis. Parecemos distantes das teoria Lombrosiana dos corpos criminais, mas até hoje somos assombrados com um fantasma que, na maioria das vezes, é legitimado pelo Estado.

Para Mbembe, “a conquista colonial revelou um potencial e violência até então desconhecido”.⁴⁴ E qual foi o processo violento do Estado brasileiro em relação à pandemia? Pois lhe digo que foi privar as pessoas da vacinação rápida, bem como deixar as pessoas morrerem sufocadas na cidade de Manaus por falta de oxigênio,⁴⁵ dentre tantos outros exemplos que somaram milhares de mortes em poucos dias. Os telejornais mostravam incansavelmente as inúmeras valas sendo abertas para o enterro dos mortos por Covid.

Na política de morte, pode-se relacionar tanto o conto quanto a realidade brasileira sobre quem é “descartável” e quem não é. O príncipe do conto de Poe protege os seus trancando seu palácio. Diz a narrativa:

44 MBEMBE, 2022. p. 32.

45 RADIS. Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021. **Informe ENSP Fiocruz**, Rio de Janeiro, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>. Acesso em: 23 abr. 2023.

Quando seus domínios haviam perdido já metade de sua população, convocou a presença de mil amigos sãos e destemidos dentre os cavaleiros e as damas de sua corte e, com eles, isolou-se em uma das suas abadias fortificadas de seu castelo. A estrutura era ampla e magnificente, fruto do seu gosto excêntrico e augusto do príncipe. Uma muralha forte e alta a cercava com seus portões de ferro. Os cortesãos, ao entrarem, trouxeram consigo fornalhas e martelos para soldar os portões. Decidiram que não haveria nenhuma forma de ingresso do desespero lá de fora, nem de escape do frenesi lá de dentro.⁴⁶

Esse fragmento, se conectado à realidade brasileira, mostra uma relação com a necropolítica e, também se ligam no que Hanna Arendt denomina de banalidade do mal. Na visão de Arendt, “essa distância da realidade e esse desapego podem gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos”.⁴⁷

46 POE, 2018. p. 91.

47 ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 311.

Esse desapego com a vida e o fato de estar intimamente ligados à política de morte fazem que o mal se torne algo corriqueiro ou banal. Vale apontar que não só esses governantes são a representação da banalidade desse mal, mas todos os funcionários e pessoas que concordam com essa visão, pois são partícipes do mesmo fato (direta e indiretamente), mesmo que muitos não percebam. Essa ausência de pensamento pareceu contaminar boa parte da população, que esparramava *fake news* aos quatro ventos.

Todos que ousavam discordar de Bolsonaro eram rapidamente transformados em inimigos ou inimigos fictícios.⁴⁸ Já na visão de Silva Júnior e Fargoni, “há no Bolsonarismo um ódio entranhado, no presidente e seus seguidores, contra tudo o que é civilizado, expondo a sua outra face: a violência”.⁴⁹ Nada do que é civilizado é respeitado, pois sobra ignorância e rancor. Permeia, dessa maneira, uma irracionalidade doentia por parte do ex-chefe do executivo bem como de seus fiéis seguidores que, criticamente, foram apelidados de “gados”.

48 MBEMBE, 2022. p. 17.

49 SILVA JÚNIOR; FARGONI, 2020. p. 1.

Governos que têm a necropolítica nos seus ideais acabam por transformar muitos de seus funcionários no que Arendt chamaria de “meras engrenagens”,⁵⁰ gerando um processo de desumanização. Vemos isso tanto nos amigos do príncipe que protegem seu palácio, quanto nos médicos que concordaram com Bolsonaro e passaram remédios ineficazes como, por exemplo, a ivermectina e cloroquina para Covid-19.

Vale apontar que a banalidade do mal de Bolsonaro não era novidade quando ele ganhou a eleição. De acordo com Oliveira, “o autoritarismo populista de inspiração fascista de Jair Bolsonaro está presente na cena pública desde que ele faz parte dela”.⁵¹ Além disso, “suas entrevistas como um inexpressivo deputado federal já eram recheadas de comentários fundamentados em preconceito e discriminação de orientação sexual, gênero, raça e classe; em pregação de ódio e exaltação à tortura”.⁵² Pode-se dizer que o lado

50 ARENDT, 1999. p. 312.

51 OLIVEIRA, Tânia Maria Saraiva de. Bolsonaro e a banalidade do mal. **Brasil de Fato**, [s. l.], 17 fev. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/17/bolsonaro-e-a-banalidade-do-mal>. Acesso em: 23 abr. 2023.

52 *Ibid.*

abominável do ex-presidente só confirmou o que ele fez durante toda a sua vida pública. Durante a pandemia continuou a proferir impropérios que iam contra a ciência e a favor do negacionismo. Como se não bastasse tudo isso sobrou falta de sensibilidade com as famílias dos mortos.

Eu não sou coveiro!⁵³ Disse o ex-presidente no dia 20 de abril de 2020 ao ser perguntado por um jornalista sobre a quantidade de falecidos que chegavam, nesse momento, a 2584 mortes. Oito dias depois com as mortes praticamente dobrando foi a vez da frase: E daí? Eu lamento, quer que faça o que?⁵⁴ Como se não bastasse o absurdo, o Voldmort brasileiro — em alusão ao personagem da saga Harry Potter também conhecido como “Aquele que não deve ser nomeado”, você sabe quem ou ainda Lorde das Trevas — disse que era Messias, mas que não fazia milagre.

No dia dois de junho de 2020 os óbitos já tinham ultrapassado o número de 31 mil pessoas e a insensibilidade continuava reinando quando Bolsonaro pronunciou: “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”.⁵⁵ Exatamente quatro dias

53 QUEIROZ, V., 2022.

54 *Ibid.*

55 QUEIROZ, V., 2022.

depois da insensível frase do governante brasileiro, os dados de óbitos foram atrasados para não serem veiculados na TV.⁵⁶

Quase um ano depois, em cinco de janeiro de 2021, o ex-presidente solta outra frase e culpa a mídia pelos problemas do Brasil e pela pandemia, esbravejando: “teve esse vírus potencializado pela mídia que nós temos”.⁵⁷ Com a esperança da vacina e com vários países em estágio avançado de vacinação, era de se esperar que alguma pérola viria do ex-presidente que logo se pronunciou e disse que a vacina Coronavac (fabricada no Brasil) não tinha eficácia. Logo no dia 11 de fevereiro de 2021 mais uma grotesca afirmação: “o cara que entra na pilha de vacina é um idiota”.⁵⁸

No dia em que o Brasil atingiu 260.970 falecimentos o ex-presidente vociferou para seus acéfalos apoiadores: “vai comprar vacina. Só se for na casa da

56 RODRIGUES, Mateus. Após reduzir boletim diário, governo Bolsonaro retira dados acumulados da Covid-19 do site. **G1**, [s. l.], 6 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/06/apos-reduzir-boletim-governo-bolsonaro-retira-dados-acumulados-da-covid-19-de-site-oficial.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2023.

57 QUEIROZ, V., 2022.

58 QUEIROZ, V., 2022.

sua mãe!”.⁵⁹ Quando as mortes atingiram o patamar de 260.970 pessoas, Bolsonaro disse que tudo não passava de frescura e mimimi.

No dia 17 de maio foi a vez de atacar as pessoas que estavam em casa se cuidando e cuidando dos outros para que não pegassem o vírus. O ex-presidente chamou as pessoas que tinham apreço pela vida de idiotas e afirmou: “tem alguns idiotas que ficam até hoje em casa”.⁶⁰

Era setembro de 2021 quando as ironias continuavam a assombrar os noticiários com a seguinte manchete: “estou melhor do que o pessoal que tomou Coronavac”,⁶¹ em mais um claro exemplo de desprezo à ciência.

Todo esse desprezo e ódio pela vida humana me fizeram recordar os regimes totalitários como o nazismo e fascismo. Lembro-me de estar no 8º ano do Ensino Fundamental e pensar como as pessoas se

59 BOLSONARO IRONIZA pedidos por mais vacinas: ‘Só se for na casa da tua mãe’. **UOL**, [s. l.], 4 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/04/bolsonaro-ironiza-pedidos-por-mais-vacinas-so-se-for-na-casa-da-tua-mae.htm>. Acesso em: 25 abr. 2023.

60 QUEIROZ, V., 2022.

61 *Ibid.*

deixaram levar por alguém como Hitler. A indagação se estendeu na época da pandemia em que pensava: como pode alguém ser fã desse sujeito? Como as pessoas conseguem rir com ele? Como Bolsonaro consegue dormir a noite sabendo que, nesse exato momento, muitos morrem por não ter conseguido tomar vacina? Por um momento estava descrente da humanidade. Foi aí que compreendi o sentido real do que Arendt chamava de banalidade do mal.

Uma letra de música e um clipe que ilustram bem a situação vivida por milhares de brasileiros são os da canção “Patriota comunista”, de Gabriel O Pensador.⁶² O cantor relata o fato do ódio ser normal (o que também alude a ideia de banalidade do mal) e alega que tudo a partir daí se torna aceito, inclusive, as milhares de mortes e as piadas com quem morria sem ar. Diz a letra:

Medo e maniqueísmo (e o ódio é normal)
Preconceito é aceito (e a morte é banal)
Ou você é excomungado, ou você é como
os bois

62 PATRIOTA COMUNISTA. Direção Gabriel Campos e Victor Barão. [S. l.], 2021. Clipe musical (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uslhf06tNNg>. Acesso em: 25 abr. 2023

Isso aqui sempre foi um curral
Uma bíblia, uma bunda, uma bola
Uma pinga e uma sobra de feijão com arroz
O que mais poderíamos querer?
Uma arma pra cada
Uma bela piada, zombando da cara de quem
vai morrer

Gabriel O Pensador traz o espírito do que foi a postura do ex-presidente quando zombou das pessoas que estavam morrendo asfixiadas⁶³ devido à falta de oxigênio. Como um musicista e cronista do cotidiano, Gabriel soube captar esse triste período da história recente do Brasil. O descaso com a ciência e com os pesquisadores também não foi poupado na letra de Pensador, que relembra o fato do governo brasileiro pedir propina de um dólar por vacina de Covid. Diz a letra: “Sou um cientista pedindo uma esmola; sou um

63 BOLSONARO IMITOU paciente com falta de ar durante transmissões ao vivo na internet em 2021. **G1**, [s. l.], 22 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2023.

quilombola virando piada; sou uma vida que nem vale um dólar”^{64, 65}.

Quase dois anos depois do início da pandemia foi a vez das crianças pagarem o preço. Perguntado sobre a morte de crianças por Covid, o ex-presidente contesta e avisa que “não tá havendo morte de criança que justifique”⁶⁶. O número de falecimentos já ultrapassava 622 mil quando Bolsonaro lamentava profundamente, mas que era um número insignificante.

Morreu tanta gente que equivale ao número populacional de Uberlândia (Minas Gerais)⁶⁷ e Ribe-

64 PATRIOTA COMUNISTA, 2021.

65 MORI, Leticia. ‘Um dólar por dose’: Luiz Paulo Domingueti reafirma à CPI ter recebido pedido de propina por vacina. **BBC News Brasil**, São Paulo, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57683689>. Acesso em: 26 abr. 2023.

66 QUEIROZ, V., 2022.

67 NOGUEIRA, Daniela. Uberlândia ultrapassa 700 mil habitantes e segue como 2ª mais populosa de MG; veja números das principais cidades do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de MG. **G1**, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, 27 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/08/27/uberlandia-ultrapassa-700-mil-habitantes-e-segue-como-2a-mais-populosa-de-mg-veja-numeros-das-principais-cidades-do-triangulo-alto-paranaiba-e-noroeste-de-mg.gh.html>. Acesso em: 26 abr. 2023.

rão Preto (São Paulo).⁶⁸ Seria como se a população inteira dessas cidades desaparecesse. Vale lembrar que Uberlândia é a segunda maior cidade do estado de Minas Gerais (segundo estado mais populoso do Brasil) e Ribeirão Preto é a sétima maior do estado de São Paulo (estado mais populoso do Brasil).

Segundo informações do Ministério da Saúde, no portal infoms.saude.gov.br, o número de mortes possui uma média de 3,64 pessoas por 100 mil habitantes, o que faz o Brasil estar entre os 15 países com mais mortes no mundo. Dados do mês de setembro de 2022 reportam que o Brasil era o 14º da lista,⁶⁹ cuja liderança era do Peru.

As estatísticas e as frases proferidas por dois anos (que pareceram uma eternidade) não deixam dúvidas que no Brasil houve negligência e uma claríssima política de morte. A maioria das indagações feitas pelos jornalistas ao chefe do executivo

68 RP TEM MAIS de 700 mil habitantes. **Tribuna**, Ribeirão Preto, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/rp-tem-mais-de-700-mil-habitantes/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

69 BRASIL É 14º EM RANKING de mortes proporcionais pela covid. **Poder 360**, [s. l.], 28 set. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-e-12o-em-ranking-de-mortes-proporcionais-pela-covid/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

vinham recheadas de desinformação, agressividade e arrogância. Na visão de Silva Júnior e Fargoni, “o Bolsonarismo em prática, absorvido pelo eleitor, na forma de agir, está na ação rápida por violência física ou verbal” e que grande parte “das decisões fascistas é tomada por instintos e não por estudos ou pesquisa. No fascismo ideológico, considera-se como ‘fraqueza’ o planejamento científico”.⁷⁰ Existe uma grande repulsa por quem ousa questionar ou pedir por um direito básico como, por exemplo, se vacinar. Direito esse garantido na Constituição Federal, no artigo 196, que defende a saúde como um direito dos cidadãos brasileiros. Diz a Constituição: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.⁷¹

Tanto o príncipe quanto Bolsonaro acabam por deixar a população à mercê da doença que rapi-

70 SILVA JÚNIOR; FARGONI, 2020. p. 12.

71 BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 28 abr. 2023.

damente se espalhava sendo, portanto, duas faces da banalidade do mal e da necropolítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: E QUANDO A FICÇÃO SE TORNA REALIDADE?

Vi durante a pandemia o discurso negacionista no presidente do Brasil que ignorou medidas de prevenção, desdenhou das mortes ocorridas com as diversas frases citadas nesse ensaio como, por exemplo, “Não sou covheiro”⁷², “gripezinha”, “país de maricas”, “a gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”, “lamento profundamente, mas é um número insignificante”, dentre outras.

Foram ao todo mais de 700 mil mortes⁷³ por Covid-19 no Brasil, que poderiam ter sido evitadas se não fosse pelo negacionismo e pela política de morte do ex-presidente Bolsonaro. Nota-se a semelhança com o protagonista do conto “A máscara da morte Vermelha” de Poe, que ignora uma peste e dá um baile de máscaras em seu palácio, assim também como ocorreu com o líder brasileiro ao promover uma festa em plena pandemia.

72 QUEIROZ, V., 2022.

73 BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 23 abr. 2023.

Mesmo que sejam finais distintos (um final aberto e um final fechado), é possível relacionar o conto com a história da pandemia no Brasil. Foram praticamente dois anos de tantas e tantas mortes. Sofrimento de pais, mães, filhos e de tanta gente que perdeu um ente querido por inércia de um líder que não tinha apreço nenhum pela vida. Verificou-se nesse ensaio como um texto ficcional pode nos ajudar a refletir sobre determinados temas e que uma narrativa literária pode ser uma reminiscência (Benjamin) necessária para iluminar períodos obscuros.

Posso ainda dizer que o conto “A máscara da morte vermelha” é um clássico, justamente por sua atualidade. Na visão de Compagnon, “o clássico designa a preservação através da ruína do tempo” e que “o surpreendente é que as obras-primas perduram, continuam a ser pertinentes para nós, fora do seu contexto de origem”.⁷⁴ Com toda a certeza o texto de Poe ultrapassou as ruínas do tempo para cair como uma luva na interpretação da realidade política no Brasil da pandemia.

74 COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Morão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 240.

Uma verdadeira lição é refletir sobre o quanto um texto ficcional pode se tornar realidade e como nós devemos aprender com a literatura diante das agruras da vida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades.

AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural. 2004. (Coleção Os Pensadores).

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOLSONARO IMITOU paciente com falta de ar durante transmissões ao vivo na internet em 2021. **G1**, [s. l.], 22 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2023.

BOLSONARO IRONIZA pedidos por mais vacinas: ‘Só se for na casa da tua mãe’. **UOL**, [s. l.], 4 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/04/bolsonaro-ironiza-pedidos-por-mais-vacinas-so-se-for-na-casa-da-tua-mae.htm>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BONIN, Robson. Bolsonaro faz festa enquanto caos da pandemia avança nos hospitais. **Veja**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonaro-vai-a-festa-enquanto-despreza-caos-da-pandemia-nos-hospitais/>. Acesso em: 6 nov. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 28 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 23 abr. 2023.

BRASIL É 14º EM RANKING de mortes proporcionais pela covid. **Poder 360**, [s. l.], 28

set. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-e-12o-em-ranking-de-mortes-proporcionais-pela-covid/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Morão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSTA, Alvaro Daniel; CHAVES; Niltonci Batista. As marcas da violência a partir da representação da morte na coluna Zona Franca: O escrachamento da finitude no jornalismo sensacional (Diário dos Campos 1976-1978). **Ateliê de História**, Ponta Grossa, v. 4, p. 131-171, 2016.

RADIS. Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil

mortes em 2021. **Informe ENSP Fiocruz**, Rio de Janeiro, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FERREIRA, Márcio Mauá Chaves. A peste em Tucídides e dois antecedentes poéticos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 9 jun. 2020. Estado da Arte. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.-br/peste-tucidides-antecedentes-marcio-maua/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

GUEDES, Octávio. CPI da Covid: Governo Bolsonaro recusou 11 vezes ofertas para compras de vacina. **Blog do Octávio Guedes**, [s. l.], 27 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2023.

JUNIOR, Arnaldo Franco. Operadores de leitura narrativa. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009, p. 33-58.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas**. Tradução de Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Filô).

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de Ética**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Libby Meintjes. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

MORI, Leticia. ‘Um dólar por dose’: Luiz Paulo Domingueti reafirma à CPI ter recebido pedido de propina por vacina. **BBC News Brasil**, São Paulo, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57683689>. Acesso em: 26 abr. 2023.

NOGUEIRA, Daniela. Uberlândia ultrapassa 700 mil habitantes e segue como 2ª mais populosa de MG; veja números das principais cidades do Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de MG. **G1**, Triângulo Mineiro e Alto Parnaíba, 27 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/08/27/uberlandia-ultrapassa-700-mil-habitantes-e-segue-como-2a-mais-populosa-de-m>

g-veja-numeros-das-principais-cidades-do-triangulo-alto-paranaiba-e-noroeste-de-mg.ghml. Acesso em: 26 abr. 2023.

OLIVEIRA, Tânia Maria Saraiva de. Bolsonaro e a banalidade do mal. **Brasil de Fato**, [s. l.], 17 fev. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/17/bolsonaro-e-a-banalidade-do-mal>. Acesso em: 23 abr. 2023.

PATRIOTA COMUNISTA. Direção Gabriel Campos e Victor Barão. [s. l.], 2021. Clipe musical (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uslkf06tNNg>. Acesso em: 25 abr. 2023.

POE, Edgar Allan. A máscara da morte vermelha. In: POE, Edgar Allan. **O escaravelho de ouro e outras histórias**. Tradução de Marta Fagundes Fátima Pinho. São Paulo: Pandorga, 2018. p. 89-99.

QUEIROZ, Christina. Pandemia como alegoria. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, a. 21, n. 294, ago. 2020. Disponível em: <https://revis-tapesquisa.fapesp.br/folheie-a-edicao-de-agosto-de-2020/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

QUEIROZ, Vitória. 2 anos de covid: relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. **Poder 360**, [s.

l], 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>. Acesso em: 5 nov. 2022.

RELATÓRIO condena festas de Boris Johnson durante a pandemia. **G1**, Rio de Janeiro, 25 maio 2022. Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/25/relatorio-condena-festas-de-boris-johnson-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2023.

RELEMBRE o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. **Folha S. Paulo**, São Paulo; Brasília, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em: 22 abr. 2023.

RODRIGUES, Mateus. Após reduzir boletim diário, governo Bolsonaro retira dados acumulados da Covid-19 do site. **G1**, [s. l.], 6 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/06/apos-reduzir-boletim-governo->

bolsonaro-retira-dados-acumulados-da-covid-19-de-site-oficial.ghtml. Acesso em: 25 abr. 2023.

RP TEM MAIS de 700 mil habitantes. **Tribuna**, Ribeirão Preto, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/rp-tem-mais-de-700-mil-habitantes/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

SANTOS, Dennis de Oliveira. **Sociologia da Literatura**. Revista Urutágua, Maringá, n. 14, dez. 2007/mar. 2008. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/014/14santos_dennis.htm. Acesso em: 9 maio. 2023.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a morte**: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas. Tradução de Daniel Saquarema F. Soares. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis; FARGONI, Everton Henrique Eleutério. **Bolsonarismo**: a necropolítica brasileira como pacto entre fascistas e neoliberais. Revista Eletrônica de Educação, [s. l.], v. 14, p. e4533133, jan./dez. 2020. DOI: 10.14244/198271994533. Disponível em: <https://www.reveduc.ufsca-r.br/index.php/reveduc/article/view/4533>. Acesso em: 27 abr. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

E QUANDO A FICÇÃO SE TORNA REALIDADE?
ENSAIO SOBRE A FINITUDE NO CONTO

"A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA"

E SUA RELAÇÃO COM A
PANDEMIAS DE COVID-19 NO BRASIL

